

1ª Parte

Estudos

Revisão de um *Árcade* ou Releitura de Cláudio Manoel da Costa*

Sânzio de Azevedo

Fazendo uma revisão da poesia de Cláudio Manoel da Costa, afirma Edward Lopes “que se repetem acerca de sua arte os maiores disparates, já que os nossos historiadores costumam copiar-se acriticamente uns aos outros” (p.91). Não fariamos tal generalização, mas o fato de algumas opiniões assumirem caráter axiomático faz com que se diga ainda que os versos de Casimiro de Abreu são incorretos, que a poesia de Alberto de Oliveira é só forma, e que a cor branca nos poemas de Cruz e Sousa tem origem exclusiva no fato de ele ser negro...

Reconhece Lopes que João Ribeiro foi o responsável pelo resgate dos versos de Cláudio, ao reeditar suas *Obras poéticas* em 1903, mas lamenta que haja ele divulgado a lenda de que o poeta amava apenas a terra portuguesa, não compreendendo que, seguindo a doutrina do Arcadismo, ao evocar o Tejo, o Lima ou o Mondego, “o que Cláudio louva em tais lugares é precisamente o que eles só possuem enquanto espaços míticos, e não podem possuir de modo algum enquanto espaços geográficos”(p.92). A verdade é que em Vila Rica, de onde partia o desenvolvimento cultural do País, já existia, segundo o autor, às vésperas da Inconfidência Mineira (1789), não uma “arte portuguesa feita no Brasil”, mas uma “arte brasileira”, e não somente na literatura, mas também na música, na pintura, na escultura e na arquitetura. Refuta o crítico a idéia de que, por falta de um manifesto escrito (o que seria impossível, devido à repressão), não houvesse consistência ideológica no movimento libertário do qual, como se sabe, Cláudio foi figura de proa. Para Lopes, o Neoclassicismo de Minas Gerais promove uma articulação “do plano de expressão do classicismo arcádico europeu com o plano de conteúdo da ideologia revolucionária iluminista”, o que é sobejamente demonstrado nas páginas 45 e 46.

Entendendo que, para a perfeita compreensão da poesia de Cláudio, é necessário o estudo de todo o universo cultural de Minas no século XVIII, estuda o autor o discurso de valorização do projeto do colonizado (na poesia épica) e o discurso de desvalorização do projeto do colonizador (na poesia satírica). a partir da página 53.

Transitando do Barroco português (do *Munúsculo métrico*, de 1751, aos *Números harmônicos*, de 1753) ao Neoclassicismo brasileiro, com as *Obras poéticas*, de 1768, foi o poeta "a) o introdutor da reforma neoclássica em Portugal; b) o introdutor do neoclassicismo no Brasil; e, mais importante do que tudo isso, c) o iniciador da fase brasileira da literatura brasileira" (p.67). Mais ainda: segundo o crítico, foi o precursor na lírica e na épica, visto que a *Fábula do Ribeirão do Carmo* é anterior ao *Uruguai*, de Basílio da Gama. Como se não bastasse, o cantor de Nise foi o pioneiro também no teatro, na tradução, no escoreo autobiográfico, na cartografia e, a crer em alguns autores, até na arquitetura, sendo que o "Prólogo ao leitor", das *Obras*, é na opinião de Wilson Martins (citado por Edward Lopes) "o primeiro manifesto literário brasileiro".

Embora esteja sempre a indicar a grandeza de Cláudio, comparando-o apenas com Camões (Cf. p. 74, 76, 91 e 198), nem só de encômios está cheio o livro, pois Lopes reconhece que o *Vila Rica* é "uma versalhada de soprinho mofino e desensofrido" (p.83).

Quanto às "Metamorfoses", que dão título à obra, referem-se aos três espaços da poesia de Cláudio: 1) o **geográfico** (o Ribeirão do Carmo, em Minas); 2) o **mítico** (o "locus amoenus" das praias da Arcádia e 3) o **literário** (o de Portugal). Promove o poeta, em sua terra, com sua poesia, a metamorfose que os clássicos (Sá de Miranda, Lobo, Camões e outros) haviam promovido em Portugal, situando aí o espaço mítico da Arcádia; como esses poetas haviam transformado as ribeiras do Tejo, do Lima ou do Mondego em espaço literário português, Cláudio Manoel da Costa, "ao transplantar para Minas o espaço mítico da Arcádia, converterá as margens do seu 'pátrio rio', no espaço literário mineiro e brasileiro" (p. 89).

É interessante a observação de que a paisagem exterior na poesia de Cláudio não possui, como já se pensou, o valor de “informante geográfico”, mas o de “um plano de expressão alegórico da paisagem interior do homem que nela se situa” (p.103).

Pena que alguns senões maculem esse trabalho, notadamente quando o autor envereda pela Teoria do Verso. Na p. 167 fala ele de uma cesura “que divide o verso em um hemistíquio de seis e outro de quatro sílabas”; ora, hemistíquio (do grego *hemi*, metade + *stikhion*, verso) é rigorosamente a metade de um verso: no caso do decassílabo, só poderia haver dois hemistíquios de cinco sílabas. Na p. 172, ao dizer que “não é raro que se encontrem, em seus sonetos, ritmos que hoje nos parecem insólitos”, cita, entre outros, o verso 1 + 3 + 3, que vem a ser o chamado verso de gaita galega (dizemos nós), com ictos nas sílabas 4^a, 7^a e 10^a. Tal como diz Lopes, há versos assim em Camões, e lembramos este: “Tratar branduras em tanta aspereza”. O problema é que o crítico não dá um só exemplo de verso assim em Cláudio, e cremos mesmo que o poeta não o haja praticado. Na mesma página, com relação ao verso de Cláudio “Não vês nas tuas margens o sombrio”, afirma Lopes que as sílabas 7 e 8 (que seriam “gens / o”) “devem ser ligadas por sinalefa”. Desconhecemos qualquer sinalefa que não ocorra apenas entre vogais. Quanto ao fato de, após referência à arte poética dos neoclássicos, afirmar o crítico que os românticos “eram mais parvos na matéria”, esta é mais uma lenda, desfeita quando Péricles Eugênio da Silva Ramos (*O Verso romântico e outros ensaios*, 1959) demonstrou que eles conheciam perfeitamente a arte do verso.

Deslizes como esse, que em trabalho de menor envergadura nos pareceriam apenas inquietantes, são a nosso ver imperdoáveis em estudo tão bem fundamentado quanto a outros aspectos.

* LOPES, Edward. *Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manoel da Costa*. São Paulo: UNESP, 1997.